

CINEMA INSURGENTE: A AÇÃO EXTENSIONISTA “CINE BALAIADA” COMO COMBATE AO RACISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE CAXIAS-MA

AN INSURGENT CINEMA: THE EXTENSION ACTION “CINE BALAIADA” AS A FIGHT
AGAINST RACISM IN BASIC EDUCATION IN THE CITY OF CAXIAS-MA

Taylon Jefferson da Silva Machado¹
Reinaldo dos Santos Barroso Junior²

Resumo: O presente artigo dialoga sobre uma ação extensionista que aconteceu em Caxias, cidade de relativa proeminência do Maranhão e com extrema desigualdade social. A ação extensionista da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global – NEÁFRICA visa combater parte da realidade de desigualdade e racismo existente na cidade, através da exibição de filmes como forma de promover o debate sobre as relações étnico-raciais. Através dessas exposições podemos provocar debates com a sociedade e, assim, proporcionar um ambiente reflexivo e de respeito às questões raciais e de valorização da historicidade e do cotidiano afrodescendente a partir do forte emblema da Balaiada na memória local.

Palavras-chave: Ação Extensionista. Relações étnico-raciais. Lei 10.639/03.

Abstract: This article talks about an extension action that took place in Caxias, a city of relative prominence in Maranhão and with extreme social inequality. The extension action of the State University of Maranhão - UEMA and the Center for Studies, Research and Extension on Africa and the Global South - NEÁFRICA aims to combat part of the reality of inequality and racism existing in the city, through the screening of films as a way of promoting debate on ethnic-racial relations. Through these exhibitions we can provoke debates with society and, thus, provide an environment of reflection and respect for racial issues and appreciation of the historicity and daily life of Afro-descendants based on the strong emblem of Balaiada in local memory.

Keywords: Extensionist action. Ethnic-racial relations. Law 10.639/03.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST/UEMA). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global – NEÁFRICA. lattes.cnpq.br/7761871820491957; orcid.org/0000-0003-3452-2379. Contato: taylonjefferson@live.com

² Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenador regional do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global – NEÁFRICA. lattes.cnpq.br/7314220154337329; Contato: silesius2001@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A Balaiada foi um movimento popular que ocorreu em fins do período regencial no século XIX, que se alastrou do interior do Maranhão ao Ceará, passando por uma boa parte do território piauiense, “sem dúvidas, uma das maiores insurreições populares ocorridas durante o Brasil-Império. Mobilizou pelos menos 12.000 homens contra o governo” imperial que representava as bases elitistas para o controle e a exclusão das pessoas pobres e de cor (Assunção,1998, p.67). As batalhas aconteceram polvilhadas em amplo território imperial, entretanto, uma das principais batalhas ocorreu no sertão do Maranhão, no Morro do Alecrim em Caxias, uma batalha entre as forças elitistas do estado e os populares e escravos que se rebelavam contra as forças que lhes oprimiam.

A representatividade desta batalha foi edificada na cidade de Caxias, somada a uma memória de um pretense desenvolvimento industrial que figurou no século XIX, colocando Caxias como cenário de um dos mais importantes conflitos regenciais. Cidade de extrema desigualdade social, mas de grande importância local, a quinta mais populosa e a terceira em tamanho territorial no Maranhão, além de funcionar como um local de atração para a maior parte das cidades do entorno na região leste do Maranhão, bem como importante entreposto para chegar à capital do Piauí, Teresina.

Logo, se por um lado temos uma representatividade combativa presente na memória sobre a Balaiada, por outro, temos a bruta realidade da desigualdade social e das manifestações do racismo na região, dentro das escolas e no cotidiano social. Apesar da memória da insurgência popular e escrava fazer parte do conjunto social, ela não figura como elemento proeminente da historicidade local, relegada a um plano estreito e superficial, a Balaiada foi recuperada como símbolo desta ação extensionista, como símbolo combativo contra uma realidade desigual que mostrará, através de uma estética cinematográfica, formas para a educação étnico-racial. Este artigo demonstra parte das experiências e dos dados desta ação, entendendo os motivos que levaram a sua exibição, sua metodologia de ação, seu objetivo de combater o racismo na escola e o público alcançado.

É importante destacar que esta não é uma ação isolada, pois faz parte de um universo de estratégias tomadas em espectros sociais similares, mas constituído por públicos diversos e em diferentes comunidades do Estado do Maranhão e do Piauí. São ações do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global – NEAFRICA, grupo interinstitucional (UFMA, IFMA, UEMA, UESPI) com ações na área de valorização para as relações étnico-raciais em diferentes cidades, tais como Pinheiro, Bacabal, Caxias, São Luís, Grajaú e outras no interior do Maranhão e em Campo Maior, no Piauí. O grupo foi montado em 2010 com docentes e outros pesquisadores destas diferentes instituições e encampando forças no combate ao racismo e na valorização das educações para as relações étnico-raciais. Sendo assim, este artigo não pretende apenas destacar as

experiências do Cine Balaiada na cidade de Caxias, mas, por consequência, destacar parte de um programa de promoção da educação para as relações étnico-raciais.

METODOLOGIA

O Cine Balaiada é uma tentativa de combater o racismo através de recursos audiovisuais de estética cinematográfica com conteúdo sobre a historicidade da população afrodescendente, sua cultura, sua ancestralidade e sua resistência com base nas normas constituídas pela lei 10.639/03 e os pressupostos determinados pelas diretrizes curriculares das relações étnico-raciais. Para tanto, a ação exibiu filmes sobre a escravidão, personalidades e intelectuais negros, musicistas negros, resistência e religiosidade afro e história dos Reinos Africanos como forma de valorizar a história e o conhecimento da população negra nas escolas de educação básica da cidade de Caxias, compreendendo que a própria escola é o espaço de reificação dos preconceitos. Assim, surgiu o Cine Balaiada, em 2018, promovido pela Universidade Estadual do Maranhão em Caxias, uma ação extensionista que trabalhou pontualmente em oito escolas públicas e em uma ação social da região.

Desse modo, por si só, a construção da ação Cine Balaiada não é algo fácil e imediato. Nos preocupamos com a missão, o objetivo maior, o público-alvo, as narrativas e o que elas proporcionariam que, no caso, é um debate sobre as relações étnico-raciais e a apreciação de conteúdos da historicidade do povo negro pela história. Claro que, diferente do uso maquiavélico no decorrer de nossa história, pretendíamos despertar interesse sobre as relações étnico-raciais e, sobretudo, empatia pelo outro, sensibilizando os alunos sobre a realidade bruta do negro na história.

Não tínhamos a intenção enviesada de produzir pensamentos unilaterais ou sectários dentro da escola, afinal, como já destacamos, entendemos que a escola é um espaço diverso, multicultural e, sobretudo, que deve prezar pelas boas relações entre seus iguais. Nesse intuito, a ação Cine Balaiada desenvolveu um planejamento cuidadoso e executou uma metodologia simples, mas eficaz. Primeiramente, um essencial planejamento de cada uma das partes de execução, idealizando um quadro de filmes a serem exibidos, por fim, uma metodologia que se divide em exibição do filme e o diálogo sobre ele, ponderando pontos principais.

Portanto, em um primeiro momento, construímos um catálogo básico de filmes com as fichas técnicas sobre essas produções e seu enredo básico, formando um quadro norteador para as exibições que pretendíamos fazer nas escolas de Caxias. Elementos com os quais pudéssemos pensar uma determinada exibição e como criar uma ponte entre os discentes de determinado período letivo e o conteúdo a ser explorado. Esse quadro norteador pontuava o tipo de estética, se era documentário, animação, longa-metragem com trajetória de vida, longa-metragem histórico e assim por diante, bem

como pensávamos a classificação etária e a duração do filme, sim, pois precisávamos encaixá-lo no tempo que a escola nos disponibilizava. O último dos elementos, mas o principal, era o ponto central do filme, o que ele pretendia discutir.

Em meio aos nove filmes escolhidos para trabalhar nas escolas de Caxias, apenas dois foram dirigidos por negros, *Mãos Talentosas – A História de Ben Carson* – e *12 anos de escravidão*. Isso não significa que não há produções dirigidas por negros, claro que há e algumas foram indicadas ao Oscar, como ‘Corra’, dirigido por Jordan Peele e outros, aqui também a roteirista Ava DuVernay, que é a primeira mulher afro-americana a ganhar o prêmio de melhor direção pelo longa *Middle of Nowhere* no Festival Sundance de Cinema de 2012, autora da minissérie *Olhos que Condenam*, que é distribuída pela Netflix, entre outras premiações nas quais que já logrou sucesso. Mesmo apontando esses nomes e seus alcances midiáticos, estes ainda são bem pequenos comparados com produções de pessoas não negras.

Já que diretores negros ainda são poucos explorados dentro do cinema, por que não fizemos uso de suas produções? Por questões de logísticas, antes da exibição de qualquer filme ou documentário sempre avaliáramos a classificação indicativa, para saber se estaria adequada ao público, como fizemos uso de espaços de salas de aulas para realização desta pesquisa, tínhamos um tempo cronometrado, e diante disso os filmes ou documentários teriam que se encaixar no horário disponibilizado, ou até o enredo do filme não era adequado para a situação e o público. A partir desse planejamento conseguimos pensar filmes que poderíamos exibir na sala de aula e com o que poderíamos trabalhar, dando substrato para a segunda parte com a qual trabalharíamos as rodas de conversa.

As rodas de conversa são essenciais, pois elas ajudam o aluno a racionalizar o filme, a entender os sentidos propostos pelo autor e, sobretudo, a perceber como o enredo nos ajuda a compreender a historicidade da população negra de forma lúdica. Assim, imediatamente após o filme, formávamos um diálogo com os alunos, orientado por pontos-chaves, tais como ‘história do filme em si’, ‘quais os pontos que chamaram mais atenção’, ‘como se sentiram com determinado ponto do filme’, ‘as possíveis formas de interpretar determinado momento do filme’ e assim por diante. Dessa forma, a roda de conversa poderia aprofundar elementos do filme, racionalizar, mas, sobretudo, socializar o ponto que se quer atingir como a integração e o reconhecimento da população negra, elementos que devem ser feitos dentro da escola. Isso significa dizer que não pretendemos o reconhecimento do negro, em detrimento do branco, a exibição simplista desses filmes pode chegar em um outro ponto o qual desprezamos, a inversão da orientação racial, criando um ódio aos brancos ou a construção de vitimização do negro e não pretendemos isso, mas a efetiva e boa relação racial dentro da escola.

AS ESCOLAS-CAMPO E O COMBATE AO RACISMO

O Brasil tem mais de mais de 55,5% de nossa população se autodeclarando como pretos e/ou pardos segundo o IBGE (2022), portanto, com ascendência negra no sangue e nas características fenotípicas. É o país com maior incidência negra na composição populacional das Américas. No que diz respeito ao aspecto histórico-populacional de nossa nação, os números atuais sobre o tráfico de escravos para o Brasil apontam para mais de cinco milhões de escravos africanos entrando nos portos das cidades brasileiras até 1856. É o país que mais recebeu escravos africanos, havia, em algumas cidades durante a primeira metade do século XIX, oito vezes mais africanos que portugueses. Por si só esses números revelam uma faceta histórica e presente, maciça e volumosa da presença negra na formação do nosso país, revelam a preponderância da ascendência negra na formação do nosso povo.

Entretanto, a história da nossa nação, a memória sobre os negros e a historicidade da nossa gente são vistas de maneira negativa, privilegiando, e muito, uma historicidade europeia em detrimento da realidade indígena e negra. Os conteúdos destacados por livros didáticos e nas salas de aulas são as facetas de uma escravização maciça da população negra que coisifica e subordina a população negra, bem como a desnaturalização e culturalização excessiva de alguns poucos elementos positivos, nós ignoramos por completo a história africana e história e cultura afro-brasileira. O que sabemos sobre os “Ashantis, Iorubás, Haussás, Fulas, Bakongos, Makondes, Xhosas, Macuas e Swahílis? E do império do Monomotapa, dos reinos do Daomé, do império Vátua, da Rainha Jinga, de Mussa Keita, de Sundjata, de Chaka e Ngungunhane, Amílcar Cabral, Patrice Lumumba, Julius Nyerere ou Samora Machel?” O que sabemos da realidade escrava? O que aconteceu com os negros pós abolição? O nosso conhecimento sobre a história afro é limitado, e foi operacionalizado e apagado lentamente, desde o fim da escravidão. “Não era uma amnésia natural, mas proposital. Era preciso extirpar da história pátria aquilo que era considerada uma *nódoa* prejudicial à nova imagem do Brasil” (Zamparoni, 2007, p. 46).

Muryatan Barbosa (2008) destaca que o ensino atual de história e de outras disciplinas mantêm uma “crença na excepcionalidade europeia” que torna todos os outros povos e raças etapas de um estágio rumo ao ápice universal e esse “ápice seria a Europa Ocidental”. Sendo assim, ameríndios, africanos e mestiços, pretos e pardos não passam de um estado precário do desenvolvimento (Barbosa, 2008, p. 48), algo que precisa ser sublimado, vencido, esquecido. Nessa mesma linha de raciocínio, Marinelma Meirelles e Giovani Silva (2017) afirmam que temos uma base excludente e norteadada pelo conhecimento eurocêntrico que orienta o cotidiano escolar e estabelece que todas as populações não brancas aparecem apenas como “apêndices”, “em uma história em que ora são um ‘problema’ a ser equacionado, ora são peças da engrenagem colonial e, ainda, vistas como um

‘estorvo’ ao progresso e ao desenvolvimento” da nação brasileira (Silva; Meireles, 2017, p. 9). Assim, percebemos que o ensino em geral e, mais especificamente, o ensino de história, é eivado de valores, esquemas e, sobretudo, de conteúdos carregados de elementos europeus, tornando o nosso conhecimento extremamente eurocêntrico, imiscuindo-se dos conteúdos indígenas e negros dentro da comunidade escolar, promovendo desigualdades sociais e, especialmente, desigualdades raciais.

É esse compromisso excessivo com a historicidade europeia, sem, ao menos, citar um ou outro personagem ou figura de grande representatividade da população negra que desvaloriza, deslegitima e despersonaliza a existência negra na história, criando a mais profunda barreira para o aprendizado entre a população de cor, qual seja, a baixa-estima. Essa mesma baixa-estima, somada às necessidades econômicas, representam parte significativa dos motivos da baixa entrada, da manutenção e o motivo da evasão da população negra na educação (Ferreira; Camargo, 2011). Por consequência, isso reflete nos números da população negra na escola. Segundo o IBGE (2016), na adolescência, a frequência e a presença de pessoas de cor na escola são menores que a dos brancos, enquanto 70,7% dos adolescentes brancos frequenta assiduamente a escola, entre os pretos esse índice cai para 55,5% e entre os pardos, 55,3%. Por consequência, o ingresso de pessoas pretas e pardas no ensino superior é extremamente prejudicado, sendo apenas 35,4%, enquanto os brancos, são 53,2%. Reflexo da ausência na escola, baixa frequência educacional, baixa estima e realidades econômicas.

Como resposta a isso, o Cine Balaiada veiculou filmes em escolas de Caxias como uma forma de combater desigualdades sociais em diferentes sentidos, mas, sobretudo, dentro da realidade educacional, construindo um combate ativo às desigualdades sociais, dando destaque à valorização da historicidade negra, à cultura africana e afro-brasileira de diferentes conteúdos abordados e discutidos a partir de filmes diversificados.

A escola se insere como espaço propício à aplicação de normas e leis que regulamentam a sociedade. Isso porque ela congrega de forma metodológica um grupo de cidadãos que irão renovar em um curto tempo os espaços públicos e privados de trabalho, inovação, comércio, entre outros fatores que compõem o meio social. Mediante a isso, é relevante dizer que a escola, enquanto instituição, é um dos meios mais convenientes para se falar e esclarecer dúvidas acerca dos grupos étnico-raciais existentes na sociedade, pois segundo Francisca Oliveira (2013):

A escola por ser um ambiente, onde ocorre um turbilhão de conflitos, e por estar inserido no espaço vários seguimentos culturais que se esbarram. Dessa forma é o lugar ideal para que também haja uma verdadeira reflexão, em situações onde possam ocorrer discriminação cultural ou racial entre seus alunados. Fazendo um pequeno retrocesso, nos deparamos com a educação brasileira que tem sido apontada, pelas pesquisas oficiais e acadêmicas, assim como pelos movimentos sociais e narrados pela história como um campo de desigualdade social e racial na educação. Esta situação exige do Estado a adoção de políticas e práticas de superação

do racismo e de desigualdade racial na educação, implantando o conhecimento à diversidade social (Oliveira, 2013, p. 01).

Foi só a partir da década de 90 que o estado começou a articular uma escola inclusiva, multicultural e correspondente às nossas diversidades culturais através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1996. Entretanto, é a partir de 2003 que realmente incluiremos, primeiramente, os conteúdos da história africana e história e cultura brasileira através da lei 10.639, depois, em 2008, os conteúdos referentes à história e cultura indígena através da lei 11.645. Essas últimas leis, que complementaram a lei de 1996, vêm travando verdadeiros desafios em conseguir emplacar os conteúdos afro e indígenas dentro da comunidade escolar, mas demonstra, como visto até o ano de 2017, que o estado se empenhou como “propulsor de transformações sociais, reconhecendo as disparidades entre brancos e negros no Brasil e a sua responsabilidade de intervenção nesse quadro” através da escola (Gomes, 2008, p. 79).

Independente da legislação predisposta pelo estado, o cumprimento destas leis ainda passa por inúmeras dificuldades, pois são poucas as políticas públicas educacionais que visam o melhoramento do ensino dessas temáticas, bem como a própria resistência social, além do velho debate sobre o conteúdo que a escola deve ensinar e, não menos importante, o completo desconhecimento sobre o conteúdo da história e cultura afro e indígena. Em suma, os obstáculos são estruturais e, nesse intuito, Maria Viana (2015) aponta que o direito e o acesso a uma educação de qualidade e igualitária nas escolas percorreu uma trajetória longa e permeada por obstáculos. Nesse contexto, a população negra foi uma das mais afetadas por conta do preconceito étnico-racial existente de forma velada na sociedade brasileira, muitas vezes construído em comunhão no convívio diário.

Entretanto, entendemos que a escola, conforme seu processo educativo, deve provocar mudanças de pensamento e comportamento nos alunos, contemplando “a luta pela promoção da igualdade social, sem discriminação, sem exclusão, que garanta o respeito à pluralidade cultural e à diversidade étnico-racial por meio de políticas públicas” (Santos, 2011, p. 58). Já que a escola é a instituição pilar da nossa formação, ela cristaliza desigualdades ao esvaziar identidades negras e indígenas, mas se conseguirmos aplicar as deliberações dessas leis na comunidade escolar, no fim, proporcionaremos mudanças.

A ação prevista para o projeto era a realização de filmes na educação básica, prioritariamente nas escolas públicas, sobretudo, aquelas escolas periféricas com carência de recursos, discentes com origens mais humildes e maior concentração de negros e pardos. Mas sempre que convidados ou quando uma nova oportunidade aparecia, levávamos o cine Balaiada para outras instituições.

A ação assim se estendeu para diferentes escolas, tentando atender a vasta necessidade da cidade. Nos diferentes níveis de ensino, educação básica e superior, a cidade concentra relativo

número de escolas, universidades e faculdades, públicas e privadas que acabam recebendo alunos de outras localidades, cidades como Codó, Coelho Neto, Buriti Bravo, São João do Soter, Miranda e outras, destacando-se como importante polo educacional, um município com 370 escolas e, destas, 342 são públicas que em 2018 registram mais de 35 mil matrículas, destes, mais de sete mil alunos no ensino médio. Portanto, é um universo ínfimo frente à quantidade de escolas, mas entendemos que é preciso começar esse diálogo na região, tanto na própria cidade quanto nas circunvizinhanças.

Em virtude da amplitude educacional da cidade de Caxias, tantas escolas e tantos alunos e da originalidade deste projeto, sem grandes outros exemplos com os quais pudéssemos basear nossa metodologia de escolha para as escolas, resolvemos testar em diferentes grupos as atividades da ação extensionista. Na tabela a seguir iremos expor nove casos mais emblemáticos com as quais mantivemos melhores diálogos, resultando em mais de 300 alunos alcançados.

Figura 01. Quadro detalhado sobre as escolas e espaços de intervenção do projeto Cine Balaiada.

QUADRO 1: ESCOLAS ALVO DA AÇÃO			
Escola	Rede de ensino	Nível de ensino	Localização na região
Colégio Militar Tiradentes IV	Pública	Anos iniciais e Ensino médio	Cohab – Caxias
U.E. João Lisboa	Pública	Anos iniciais e finais	Centro de Caxias
U. I. M. Mariano Campos	Pública	Anos Finais e EJA	Cidade de São João do Sóter
Centro de Ensino Teófilo Dias	Pública	Ensino médio e EJA	Cidade de Aldeias Altas
U.E. Profa. Inez Evangelista Guimarães	Pública	Anos iniciais e finais	Povoado Barro Vermelho – 2º distrito de Caxias
U. E. Dias Carneiro	Pública	Anos Finais e EJA	Trizidela - Caxias
U. E. Filomena Teixeira Machado	Pública	Anos iniciais	Volta Redonda - Caxias
Projeto Mãos Amigas	Ação social com apoio Público	-	João Viana - Caxias
U. I. M. Santa Catarina Laboré	Pública	Anos iniciais finais e EJA	Baixinha - Caxias

FONTE: Acervo dos autores (2024).

Nossas duas primeiras experiências foram em escolas de relativa qualidade dentro da educação pública. Começamos com o Colégio Militar Tiradentes, que atende alunos dos mais diversos bairros caxienses, dispendo de uma infraestrutura de boa qualidade, durante um evento interno a respeito do dia da Consciência Negra. Na oportunidade, realizamos a exibição do filme

Estrelas além do tempo, sobre mulheres que trabalhavam na NASA, para alunos, servidores, pais e a comunidade que por ali passavam prestigiando o evento. Esse público era mais transitório, pontual e rápido, mas servia como primeira experiência. No caso da escola João Lisboa, situada na região central de Caxias, escola tradicional com 100 anos de existência no município, espaço de convergência da população local, atendendo alunos do 6º ao 9º ano e infraestrutura adequada para o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Foram feitas três exposições para três diferentes períodos letivos, portanto, atendendo públicos diferentes, mas com grande concentração de negros e pardos.

Pensamos então em escolas de cidades próximas, envolvendo-nos com o entorno de Caxias. A primeira ocasião contou com o apoio de Fernando Sampaio, professor da Universidade Estadual e da rede municipal de São João do Sóter, município que fica a 61 km de Caxias, tendo uma população estimada em 18 mil habitantes (IBGE, 2019). O professor realizou uma aula campo com os alunos de São João do Sóter, alunos da U. I. M. Mariano Campos, em Caxias, no Museu da Balaiada e realizamos uma parceria com a exibição do documentário *Ninguém nasce assim*. Também tivemos contato com os alunos do ensino médio do Centro de Ensino Teófilo Dias, localizado no município de Aldeias Altas, a 35 km de Caxias, município com pouco mais de 26 mil habitantes (IBGE, 2019).

Resolvemos seguir para uma escola rural em virtude da carência de ações como esta, no caso, o Povoado Barro Vermelho, Caxias, distante 65 km. Tivemos dificuldades para acessar a escola, fomos no período chuvoso, o que deixa as estradas de terras difíceis para transitar. A realidade da educação do campo é de várias carências, por estarem afastados da região urbana, por não terem envolvimento com os projetos de outras instituições e com outras iniciativas.

Após essas experiências diurnas, fizemos uma exposição noturna, um público escolar mais desfavorecido de projetos de pesquisa e extensão por conta do horário de estudo, a exposição foi na U. E. Dias Carneiro, a escola recebe alunos da região e bairros adjacentes, somando uma expressiva quantidade de alunos que são distribuídos nos três turnos de funcionamento, no matutino 6º e 7º ano, vespertino 8º e 9º ano, e no noturno atuando na modalidade EJA – Educação para Jovens e Adultos, com alunos de maior idade, cansados da lida diurna de trabalho e com maior dificuldade de concentração.

Um momento oportuno de termos mais experiências atendendo diferentes escolas e sermos bem acolhidos foi durante a semana da Consciência Negra de 2019. Nessa semana trabalhamos com a U. E. Filomena Teixeira Machado exibindo *A Rota do escravo – A Alma da Resistência* para os alunos do 5º ano. E na U. I. M. Santa Catarina Laboré, situada na Baixinha, bairro periférico do município.

A escola funciona em dois turnos manhã de 1º ao 5º e tarde de 6º ao 9º ano, recebe alunos de bairros vizinhos mais afastados do Centro da cidade.

Por último dialogamos com a ação social, *Projeto Mãos Amigas*, que funciona em parceria com a prefeitura do município. O projeto acolhe crianças e adolescentes que recebem orientação social e desempenham atividades recreativas como dança, capoeira, futebol, aulas de informática e artesanato, além de reforço escolar na parte da manhã. Na ocasião, exibimos o filme *Pantera Negra*, a escolha se deu por ser um filme que possui um enredo com vários pontos que podem ser facilmente levados a um questionamento e por ser uma produção que estava em grande repercussão midiática e, até então, ainda não havia sido disponibilizado para ser exibido em TV aberta. Nesse sentido, por se tratar de um projeto que atende jovens e crianças de baixa renda, provavelmente não tiveram a oportunidade de assisti-los nas salas de um cinema. Entretanto, um ponto parece comum a toda essa realidade: o baixo conhecimento sobre os conteúdos da história e da cultura africana e afro-brasileira. A opção de combate a essa realidade é o uso de recursos audiovisuais na sala de aula, uma estética cinematográfica apoiando a disseminação desse conteúdo.

A ESTÉTICA CINEMATOGRAFICA E O CINE BALAIADA

A exposição estética da realidade, através de leituras cinematográficas, pode abrir caminho para entender narrativas sociais às quais pouco conhecemos, narrativas sociais como a de líderes negros, musicistas negros, reis africanos e documentários sobre personalidades afro e gerar empatias sobre as condições humanas do outro. Assim, narrativas ficcionais, documentários e enredos históricos, por exemplo, possibilitam a reflexão sobre a realidade social, bem como a constatação de desigualdades sociais, como o racismo e, também, a percepção sobre a existência e a preponderância da população negra na história e perceber a possibilidade de transformação intrínseca. Tudo isso através de uma linguagem acessível com imagens e sons que acessam diferentes contextos sociais a partir dos quais podemos enriquecer e repensar o contexto atual.

Se lembrarmos do racismo que exclui negros de toda a estrutura educacional, podemos entender parte da narrativa extremamente impactante da estética audiovisual e entendê-la como arte revolucionária que é capaz de transformar o mundo. Sim, pois, a partir do momento que constatamos o potencial transformador desses filmes em sala de aula, combatendo a desigualdade social cristalizada na comunidade escolar, entendemos que o Cine Balaiada pode ajudar a refletir sobre a realidade social e a compreensão de desigualdades históricas através de uma linguagem acessível com imagens e sons que acessam emoções e contextos sociais, a partir dos quais podemos enriquecer e repensar o contexto atual.

Nossa realidade é revivida, transformada e refeita a partir desta atitude indagadora através de documentários, narrativas ficcionais e animações de ordem cinematográfica e pode impactar diretamente o convívio cotidiano dos alunos. Ou seja, ao dispormos de um recurso poderoso como das narrativas cinematográficas podemos vislumbrar um conjunto amplo de narrativas diretamente impactantes sobre a vivência de crianças e adolescentes negros de Caxias e circunvizinhanças, cidades que, basicamente, possuem pouca interação com o consumo desse recurso audiovisual. É importante percebermos, pensarmos e interagirmos com esse potencial recurso na educação. Segundo Santos (2011, p. 33) “o debate acerca da inserção das várias linguagens artísticas e particularmente o cinema no contexto escolar, desde os anos iniciais, precisa tomar consistência nos meios acadêmicos, sobretudo nos cursos de licenciatura e formação de docentes”.

Se lembrarmos do racismo que exclui negros de toda a estrutura educacional, podemos perceber parte da narrativa extremamente impactante da estética audiovisual e entendê-la como arte revolucionária que é capaz de transformar o mundo. Sim, pois a partir do momento que constatamos o potencial transformador desses filmes em sala de aula, combatendo a desigualdade social cristalizada na comunidade escolar, entenderemos que narrativas ficcionais, bem como documentários e outros enredos estilísticos possibilitam a reflexão sobre a realidade social e a compreensão de desigualdades históricas através de uma linguagem acessível com imagens e sons que acessam emoções e contextos sociais, a partir dos quais podemos enriquecer e repensar o contexto atual. Conforme a legislação vigente:

A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (CNE, 2004).

Essa primeira resolução do conselho nacional instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o que é essencial. Essa primeira resolução vai para além do conteúdo, pois articula amplitudes, prevê correlações no conteúdo e tenta estipular o desenvolvimento de valores e visões de mundo. Sim, pois a lei em si, de número 10.639/2003, é simples e coloca apenas a obrigatoriedade em promover o conteúdo necessário para a valorização afrodescendente, elementos com os quais o Cine Balaiada tenta dialogar. Portanto, nossa ação extensionista em Caxias, por um lado, viabilizada o aprendizado de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e, por outro, possibilita o aprimoramento de valores e o alargamento de visões de mundo. Dessa forma, tentamos alcançar o que é previsto na legislação sobre as relações étnico-raciais, trabalhando na construção e na valorização da identidade afro-brasileira, mas também no reconhecimento mútuo por todos os alunos,

as especificidades de sua ascendência, os valores e elementos históricos dos diferentes grupos, interagindo e valorizando os contextos históricos de suas respectivas heranças e construindo elementos vitais de respeito mútuo para a consolidação da democracia.

Os filmes, por sua vez, são de diferentes naturezas. Documentários, longas-metragens de história de vida, animações, mais de vinte filmes, mas aqui trataremos exclusivamente dos filmes exibidos nas nove escolas já comentadas anteriormente. São eles:

Figura 02. Quadro de informações técnicas dos filmes e documentários trabalhados.

QUADRO 2: FILMES EXIBIDOS PELO CINE BALAIADA						
Filmes	Tipo de produção artística	Diretor	Ano de lançamento	Classificação indicativa	Duração	Palavras chaves
Estrelas Além do Tempo	Filme	Theodore Melfi	2016	Livre	127 min	Segregação racial
A Rota do escravo – A Alma da Resistência	Curta metragem	Tabué Nguma & Nil Viasnoff	2013	----	34min 54	Comércio de escravos
Mãos Talentosas – A História de Ben Carson	Filme	Thomas Carter	2009	12 anos	86min	História de vida
O Menino do Pijama Listrado	Filme	Mark Herman	2008	12 anos	94min	Nazismo
Ninguém Nasce Assim	Curta metragem	Laboratório de Humanidade	2015	----	29min 31	Racismo
12 anos de escravidão	Filme	Steve McQueen	2014	14 anos	02h14	História de vida
Histórias Cruzadas	Filme	Tate Taylor	2011	12 anos	146min	Empregadas domésticas negras
Ecos da Escravidão – Caminhos da Reportagem	Curta metragem	Nereide Beirão – TV Brasil	2015	----	52min 30	Escravidão no Brasil
Pantera Negra	Filme	Darrin Prescott	2018	14 anos	02h02	Sociedade africana fictícia

FONTE: Acervo dos autores (2024).

Os filmes proporcionaram aos alunos a vivência de uma reflexão acerca dos temas de racismo, segregação racial e compra e venda de escravizados africanos, por exemplo. Os filmes e documentários escolhidos para compor essa pesquisa trouxeram reflexões de enorme valia para aqueles que se permitiram sentir a história ali retratada. Os filmes *Estrelas além do tempo* e *Histórias Cruzadas* nos apontam uma triste realidade de segregação racial. O primeiro nos mostra como três mulheres negras foram extremamente importante para que os Estados Unidos saíssem vitoriosos na Corrida Espacial travada durante a Guerra Fria com a Rússia; o segundo retrata a triste rotina de empregadas domésticas negras, ambas narrativas com base em histórias verdadeiras. Assim teríamos mulheres negras aparecendo em situações de trabalho distintas, mas sendo fortemente segregadas dentro de sua realidade de trabalho, por serem mulheres e por serem negras.

Por sua vez, os documentários *A Rota do escravo – A Alma da Resistência* e *Ecos da Escravidão* irão nos mostrar uma síntese da escravidão, apontando os caminhos desde a saída dos negros do continente africano até o processo de abolição, colocando o mais importante conteúdo discutido na escola, a escravidão, em uma releitura cinematográfica com a qual possamos ponderar outras coisas para além do retrato de tristeza, violência e submissão da história negra.

O filme *Mãos Talentosas – A História de Ben Carson* retrata a história de um dos mais respeitados neurocirurgiões do mundo, um homem negro, vindo de uma família desestruturada, pobre e que cresceu em meio ao preconceito. Esse, por sua vez, é excelente, pois foge da relação imbricada em nossa sociedade entre negros e escravidão, ponderando a proeminência negra em outros espaços. A participação das pessoas de cor em outras atividades é constantemente esvaziada, sobretudo em atividades intelectuais.

Fizemos uso também do filme *O menino do pijama listrado*. Este acontece no contexto da Segunda Guerra Mundial e sua trama contempla a proposta do conteúdo que estava sendo trabalhado em sala. A trama permitiu aos alunos perceberem o preconceito racial que vai além da segregação, para seu sentido mais perverso, a morte de milhões de judeus. O diálogo, portanto, entre o conteúdo das aulas, o filme e a proposta de discussão na roda de conversa é discutir o preconceito. Claro que os judeus não são negros, mas também sofreram por sua ascendência judaica. O filme traz um paralelo interessante, por mostrar como o preconceito pode matar pessoas que inclusive tenham a mesma cor. Isso acaba escalonando justamente aquilo que queremos propor com o Cine Balaiada, que é a construção de valores e atitudes que possam promover as relações étnico-raciais.

O documentário *Ninguém nasce assim*, já destacado no começo deste artigo, foi escolhido uma vez que expõe o cotidiano de uma escola de ensino fundamental e médio, cenário vívido pelos alunos que acompanham o enredo. Um dos momentos ímpares do filme, na quadra esportiva, durante uma partida de futebol um aluno foi chamado de “macaco” por outro colega e diante disso passa a ser necessário questionar e problematizar a raiz do racismo dentro da nossa sociedade.

O filme *12 anos de escravidão* narra a história verídica de Solomon Northup, negro liberto que é enganado e forçadamente levado pela segunda vez à escravidão. Mostra o seu trajeto de vida como escravo nesses doze anos e retrata, assim, o cotidiano escravo, as lógicas de violências, as vivências sentimentais e a luta por liberdade. Isso torna-o um filme emblemático para uso em sala de aula e discutir não só a escravidão pela escravidão, mas os diferentes sentidos que ela abarca para um escravizado.

O filme *Pantera negra*, o longa-metragem vencedor do Oscar em três categorias, está longe de ser uma caricatura reducionista do continente africano representado corriqueiramente como um local de savana e miséria, repleto de animais exóticos e seres humanos com pouca roupa e alimento. O filme retrata um país tecnológico e desenvolvido, *Wakanda*, que esconde do mundo sua riqueza proveniente de um metal valioso. O enredo abre margem para mais debates, pois diferente da maioria de outros filmes em que os guerreiros são sempre homens, o longa, quebra a lógica patriarcal de e ressalta a matrilinearidade, bem como discute a ideia de ancestralidade africana e dá base para separar a história dos negros em África e a história dos negros nas Américas.

Em meio a esse curto, mas rico universo cinematográfico, conseguimos elencar diversos temas relacionado as relações étnico raciais, tais como escravidão, racismo e trajetórias de negros. De cada exibição foi possível perceber o espanto sentido pelos alunos com novidades que nunca souberam sobre a história dos negros, bem como a revolta em cenas em que apontam situações como ‘coisas para brancos’ e ‘coisas para pessoas de cor’, destacando a segregação racial e as realidades para além da historicidade europeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da maior parte da população brasileira ser composta por pessoas de cor, afrodescendentes, e de termos recebido o maior contingente de africanos durante nossa história, somos um país extremamente racista. A realidade desse racismo é alimentando por nosso próprio sistema educacional. A partir dessa constatação, criamos a ação extensionista intitulada Cine Balaiada em 2018 na Universidade Estadual do Maranhão cidade de Caxias, interior do Estado, região com grande concentração de pessoas de cor nas escolas. Escolas com diferentes características e

obstáculos, situadas em regiões distintas da região e públicos diversos, mas com um problema em comum, a carência sobre as temáticas étnico-raciais.

O Cine Balaiada nos permitiu levantar dados com os quais pudéssemos caracterizar o espaço educacional da cidade, percebendo-a como um importante polo educacional convergente da região leste do Estado. Conseguimos caracterizar o espaço educacional público, tipificar escolas com as quais pudéssemos dialogar e os filmes os quais iríamos usar em nove escolas escolhidas. Desde escolas com boa estrutura até com carência de recursos, situadas em outras cidades ou nas periferias, que funcionavam durante o dia e durante a noite. Portanto, é claro que isso também nos fez perceber como essa pesquisa e essa ação extensionista ainda está começando e temos um longo caminho a percorrer. Entretanto, no minúsculo universo com o qual dialogamos, podemos perceber o quanto isso foi impactante para os alunos da educação básica, promovendo uma forma de atitude indagadora entre os alunos, ao refletirmos sobre diversas temáticas que envolvem a população negra. Uma atitude que possibilitará o enfrentamento desse racismo na escola e a transformação dessa estrutura de desigualdades raciais em Caxias, uma estética do enfrentamento ao racismo.

REFERÊNCIAS

- ANCINE. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro – 2018**. Brasília: ANCINE / Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, 2019.
- ALMEIDA, Paulo. Sérgio; BUTCHER, Pedro. **Cinema, desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.
- ALVES, Giovanni. *A formação humana na arte realista*. In: SANTOS, José Alex Soares; SILVA, Antônio Valricélio Linhares da; LUSTOSA, Francisca Geny (Orgs.). **Cinema e teatro como experiências inovadoras e formativas na educação**. Fortaleza, EdUECE, 2012. p. 19-23.
- ALVES, Giovanni. **Tela crítica: a metodologia**. Londrina: Práxis; Buaru: Canal 06, 2010.
- ALVES, Giovanni. **Trabalho e cinema: o mundo do trabalho através do cinema**. Londrina: Práxis; Buaru: Canal 06, 2008.
- ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. *Histórias Do Balaio: Historiografia, Memória Oral E As Origens Da Balaiada*: In História Oral, **Revista Da Associação**. V 1, P. 67-89, 1998.
- BARBOSA, Muryatan S. *Eurocentrismo, História e História da África*. In.: **Sankofa: revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, v. 1, p. 46-62, 2008.
- BRASIL. Lei N° 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, 11 mar. 2008.

BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 1996.

BRASIL. **CNE/CP 009/2001**.

CNE/CP Resolução 1/2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de junho de 2004.

CAMPOS, Cristiano. *Ninguém nasce assim*. In. **Laboratório de Humanidades** – Colégio Pedro II – Humaitá II. (Documentário) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6H_xfUCLWBY. Acessado em: 05 de junho de 2020.

CNE/CP Resolução 1/2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de junho de 2004.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Globo, 2003.

ELLIOT, John. *Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio*. In: PEREIRA, A. (Org.). **Cartografia do Trabalho Docente**. Campinas: Mercado de Letras do Brasil, ALB,1998, p.137-152.

FANTIN, Mônica. Experiência estética e o dispositivo do cinema na formação. **Revista Devir Educação**, Lavras, vol.2, n.2, p.33-55 jul./dez.,2018.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. *As relações cotidianas e a construção da identidade negra*. In.: **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 374-389, 2011.

FLORENCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial: História, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2012.

GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte; Record, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10639/2003*. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (org.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE: **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2016**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e>. Acessado em: 11 de maio de 2020.

IBGE – **Informe MIR Monitoramento e avaliação**. nº 3 – Edição Censo Demográfico 2022. Brasília -DF. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de>

gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-
monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/Informe-edicao-censo-demografico2022.pdf

LOUREIRO, Robson. Educação, Cinema e Estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Revista Realidade & Educação**, jan/jun., p. 135-154, 2008.

MARTINS, Sandra. *Racismo no CPH: fora! Ninguém nasce assim*. In.: **Revista Appai Educar** – Informação ao profissional da educação. Rio de Janeiro: APPAI, 2015.

MELO, Cristiane Puridade de. Cinema em “preto e branco: discussões étnico-raciais na sala de aula através da utilização da linguagem fílmica. **X Encontro Regional Nordeste DE História Oral**. Salvador – BA, 2015.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. **Revistas de História e estudos culturais**, vol.5 ano V n°2. abril/maio/junho, 2008.

OLIVEIRA, Francisca de Fátima de. **O Ensino da Cultura Afro – Brasileira e Africana na Escola**. Os desafios da escola pública paraense na perspectiva do Professor PDE. Paraná, v. II, 2013.

RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova história do cinema brasileiro**. São Paulo: SESC, 2017.

SOUZA, José Inácio de Melo. **Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930): o cinema dos engenheiros**. São Paulo: Senac São Paulo, 2016.

TAKAHASHI, Jardim. **Cinema brasileiro: evolução e desempenho**. São Paulo: Fundação Japão, 1985.

SANTOS, Dilma Francisco dos. Cinema e estética: a catarse em diferentes contextos. **Revista Pandora Brasil**, n. 34, p. 25-55, setembro, 2019.

SILVA, Giovani José da; MEIRELES, Marinelma Costa. Orgulho e preconceito no ensino de História no Brasil: reflexões sobre currículos, formação docente e livros didáticos. In: **Crítica Histórica**. Ano VIII, Nº 15, Julho/2017

VIANA, Maria da Guia. **Os desafios da implementação da Lei Federal Nº 10.639/03: entre as ações da Política Nacional de Programação da Igualdade Racial e a Política Educacional do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2015.

ZAMPARONI, Valdemir. *A África e os estudos africanos no Brasil: Passado e Futuro*. In.: **Ciência e Cultura**. vol. 59, n. 2, São Paulo, Abr./Jun, 2007.